

PERSONAGENS CONCEITUAIS Filosofia e arte em Deleuze



PERSONAGENS CONCEITUAIS Filosofia e arte em Deleuze

Fernando Tôrres Pacheco



© Relicário Edições
© Fernando Tôrres Pacheco

CIP -Brasil Catalogação-na-Fonte | Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

P119p

Pacheco, Fernando Tôrres

Personagens conceituais: filosofia e arte em Deleuze / Fernando Tôrres Pacheco.

1. ed. - Belo Horizonte: Relicário, 2013.

172 p. : il.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-66786-00-2

1. Deleuze, Gilles, 1925-1995. 2. Filosofia. 3. Arte e filosofia. I. Título.

13-02663

CDD: 190

CDU: 1'654'

PRODUÇÃO EDITORIAL Maíra Nassif Passos
CAPA, PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO Ana C. Bahia
REVISÃO Maria Fernanda Gonçalves

RELICÁRIO EDIÇÕES
www.relicarioedicoes.com
contato@relicarioedicoes.com

Prefácio	9
Introdução	13
1 Filosofia, Arte, Plano de Imanência, Plano de Composição	19
1.1 O Conceito	19
1.2 O Plano de Imanência	32
1.2.1 Dois Arranjos para a imagem do pensamento	44
1.3 A Arte	56
2 Os Personagens Conceituais	67
2.1 Os Traços Páticos	79
2.1.1 Demonstração do quarto traço pático em três movimentos	87
2.2 A gênese dos heterônimos segundo José Gil	107
Interlúdio	121
3 Bartleby: Figura Estética de Melville ou Personagem Conceitual de Deleuze?	129
3.1 A literatura e a vida	130
3.2 A fórmula	133
3.3 A potência	139
3.4 Um personagem menor	141
Considerações finais	153
Bibliografia	167



À minha mãe,
*My life has been guided by women
But because of them – I am the man
God bless you mama – and thank you.*

Gil Scott-Heron



PREFÁCIO

Para aqueles que frequentam a obra de Espinosa, reivindicando-a como sua morada, ou, ao menos, seu pouso provisório, noções como ‘escolha’ ou ‘decisão’ nada acrescentam a nosso conhecimento acerca das ações humanas. Nomeiam, antes, nossa eventual (e predominante) ignorância a respeito das causas que motivam nossas ações. Por mais que expliquemos e justifiquemos a escolha de um tema de investigação, tema capaz de orquestrar os esforços de pesquisa, há sempre algo de inexprimível, alguma motivação que permanece opaca ao próprio pesquisador. Não pretendo aqui aventurar-me a perscrutar motivações ocultas, não expressas pelo autor, por detrás da composição deste livro. Não me parece relevante determinar quais afetos impeliram Fernando Tôrres Pacheco a eleger, dentre tantas possibilidades, os personagens conceituais como foco de sua pesquisa, uma vez que o interesse em se estudar tal conceito encontra-se amplamente demonstrado por meio da exposição, ao longo do livro, daquilo que ele aporta à filosofia.

Em linhas gerais, o conceito de personagem conceitual permite uma renovação do entendimento das relações entre filosofia e arte e transforma os termos segundo os quais o filosofar poderia se ligar ao problema da subjetividade. Apesar de parecer inócuo pretender adentrar a zona nebulosa dos afetos que inclinam alguém a estudar isto ou aquilo, ou mais isto do que aquilo, atestar sua existência tem o interesse de colocar-nos em contato com uma dimensão da criação filosófica pouco referida ou estudada, conceituada por Deleuze sob o nome de ‘gosto’. Fernando Tôrres Pacheco explora tal dimensão

no *Interlúdio* deste livro, trecho que não poderia ter nome mais apropriado, uma vez que trata do papel do gosto na articulação, ou melhor, na gênese do livre jogo entre as faculdades.

Nesse intervalo lúdico que leva de um capítulo a outro, temos a oportunidade de retomar as três atividades que constituem a criação filosófica: traçar um plano de imanência, inventar personagens conceituais, criar conceitos. Cada uma dessas atividades coloca em pauta uma faculdade, a saber, a Razão, que instaura o plano; a Imaginação, inventora dos personagens; o Entendimento, produtor de conceitos. Mas nada pode assegurar a efetuação dessas ações, nem a articulação delas pode ser garantida a priori. Tampouco uma instância (plano, personagem, conceito) funciona como limite prévio à produção da outra, como condicionante a priori do modo segundo o qual a outra será produzida. É o gosto, como faculdade do meio, do espaço intensivo entre o domínio regido pelas outras três faculdades, que pode articulá-las e modular seu cofuncionamento. Os conceitos povoam o plano e os personagens conceituais definem modos de existência, territórios e vetores de territorialização e des-territorialização do pensamento no plano; mas traçado, invenção e criação se fazem em simultaneidade, de modo que nenhuma das instâncias limita previamente os contornos da outra, havendo, contudo, uma intermodulação entre as três atividades, intermodulação esta promovida pelo gosto.

Fernando Tôrres Pacheco ressalta o papel genético do gosto na concepção de filosofia elaborada por Deleuze e Guattari, apontando para a enorme relevância do âmbito do estético no pensamento desses autores. A importância conferida à estética deixa-se ver igualmente no papel da sensação na gênese do pensamento, tal como exposta desde *Diferença e repetição*, e nos quase inumeráveis casos de produção de aliança entre as criações filosófica e artística. A hibridação de Bartleby, misto de figura estética e personagem conceitual, é explorada com muita destreza neste livro, e o autor a trata como caso privilegiado da intercessão entre arte e filosofia. Não seria, aliás, o conceito de personagem conceitual um ponto privilegiado para estudar as relações entre arte e filosofia no pensamento

de Deleuze (com e sem Guattari), ou, mais ainda, o melhor ponto de partida para tal estudo?

A inconveniência de sondar as motivações de um autor já foram mencionadas acima, e não serão elas a constituir o tema a ser tratado agora. A pergunta que se coloca não diz respeito às motivações, mas aos efeitos da investigação empreendida pelo livro que o leitor tem nas mãos. A pesquisa do conceito de personagem conceitual, em sua articulação aos outros elementos da criação filosófica, contribui de modo decisivo para uma melhor compreensão do papel que a arte desempenha na produção dos conceitos deleuzianos (e daqueles produzidos em coautoria). Isso ocorre não apenas porque é no capítulo dedicado aos personagens conceituais que Deleuze e Guattari tratam da função do gosto no construtivismo filosófico, mas também porque o personagem conceitual encontra-se com a arte não apenas por seu nome, que se aproxima daquele conferido a figuras estéticas do teatro e da literatura, mas, principalmente, por se constituir como um modo de expressão de um problema comum à arte e à filosofia (assim como à ciência): o problema da individuação. Tal problema se desdobra em várias questões, dentre elas, a da produção de modos de subjetivação.

O maior mérito de Fernando Tórres Pacheco neste livro parece ser o de mostrar o quanto o conceito de personagens conceituais está em sintonia com o processo de “destituição da propriedade subjetiva do pensamento”, expressão que o autor emprega para caracterizar tal processo em suas *Considerações finais*. Ao mostrar o estreito e, ao menos à primeira vista, paradoxal liame entre personagens conceituais e despersonalização do pensamento, o autor mostra de que modo esse conceito se insere na discussão em torno do tema que constitui uma das principais ocupações da filosofia contemporânea, ao menos daquela vertente que se recusa a confundir conceitos com proposições. O tema do sujeito, do esfacelamento dessa forma em proveito de outros modos de individuação, não apenas se encontra presente em boa parte da produção filosófica contemporânea, como pode se converter em ferramenta para aquilatar essa mesma produção, pesando não apenas os diferentes encaminhamentos dados ao

problema, como também seu papel como articulador de inúmeras questões aparentemente dispersas na produção filosófica desde o séc. XIX.

Este livro nos ensina que os personagens conceituais não têm qualquer relação com alguma espécie de personalidade, que não servem a qualquer inflexão subjetivista na filosofia. Ao contrário, funcionam como golpe derradeiro que visa expulsar a noção de sujeito substancial e identitária do plano de imanência filosófico. Algum leitor de Deleuze que tenha iniciado o contato com seus escritos por *O Anti-Édipo* poderia se sentir repellido pelo conceito de personagem conceitual, imaginando que ele poderia reaproximar a filosofia do terreno da representação, como se o personagem conceitual fosse um papel representado pelo filósofo numa narrativa qualquer. Fernando Tórres Pacheco nos mostra que os personagens conceituais são agentes não da representação, mas de um outro teatro, aquele do pensamento em transe, teatro da crueldade artaudiano, que não representa nada, mas dramatiza as Ideias e as forças que as produzem, tornando-as visíveis.

Este livro comprova a instrumentalidade do conceito de personagem conceitual, mostrando o quanto pode ser produtivo para uma releitura dos filósofos de outrora, servindo à reativação de sua obra, à revitalização de seu pensamento. Como tarefa mais urgente e mais ousada, convida-nos à detecção de personagens conceituais em surgimento nos tempos de agora, como o *clown* ou palhaço, e à invenção dos novos personagens do porvir.

Cíntia Vieira da Silva
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)